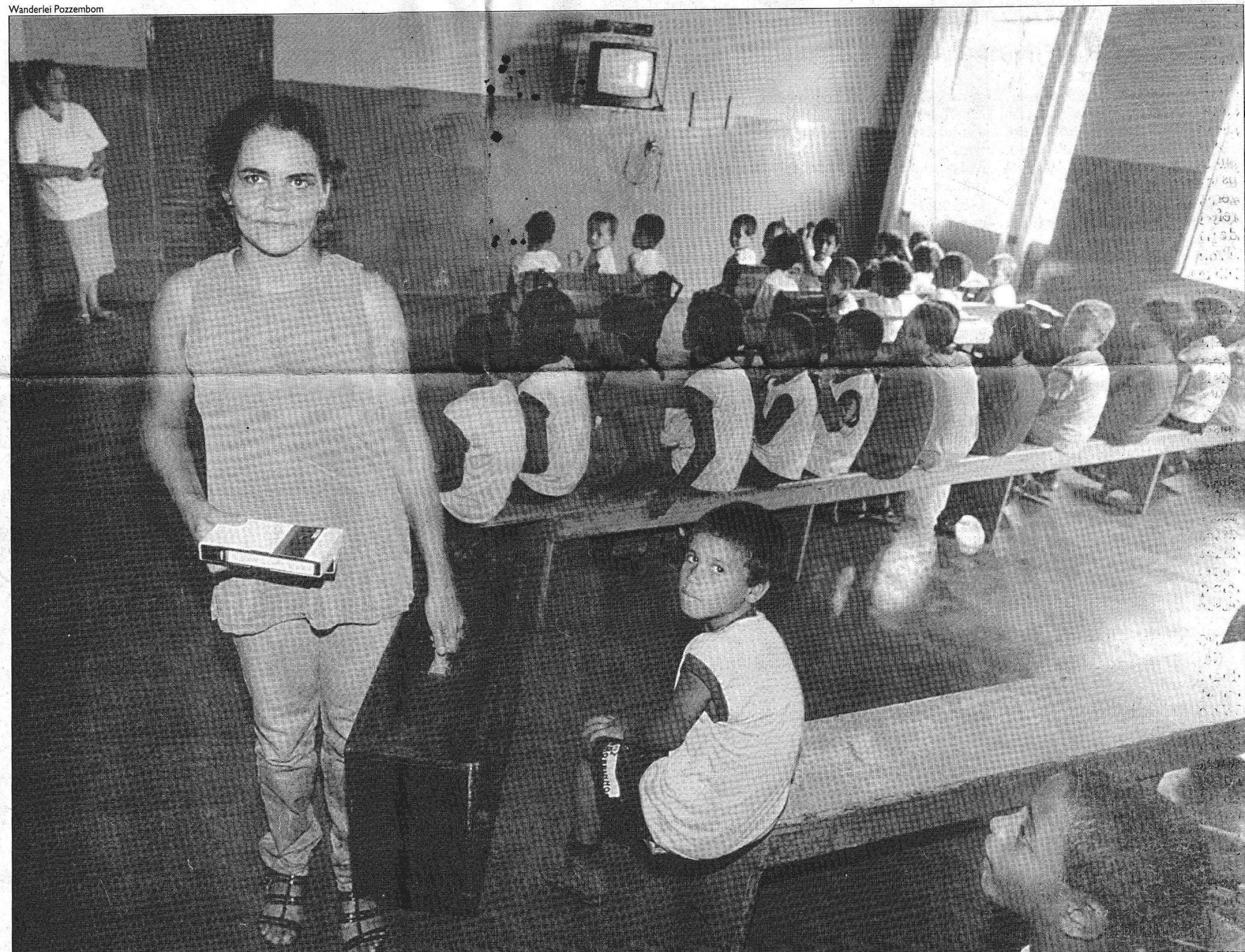


CHOQUE DE REALIDADE

Wanderlei Pozzembom



A professora Rosilda da Silva, em Morrinhos (GO), leva os alunos todos os dias para assistir desenhos animados com o kit da TV escola. Mas o que os alunos assistem é a programação normal das emissoras

Isabel também enfrenta um problema que atinge muitas das professoras que precisam gravar os programas: a falta de intimidade com videocassetes e parabólicas. Quando alguém muda o canal ou altera as ligações da antena, a professora tem sérias dificuldades para fazer a TV funcionar de novo.

Na escola Lyons, em Arapiraca, Rita de Cássia não conseguiu ainda fazer as gravações. Quando a televisão emite o som, não há imagem. E vice-versa. "Só consegui gravar uma vez até agora, mas mesmo assim estava cheia de riscos", conta.

Já que a tecnologia não *colou* na maioria das escolas, os professores improvisaram e fizeram um uso diferente do material didático do programa. Usam as revistas, um dos instrumentos pedagógicos do TV Escola, como material didático comum.

"A gente achava estranho aquele material que chegava todo mês e não sabia como trabalhar", conta Giselma da Silva Gomes, diretora da escola José Aluizio Vilela, que tem 632 alunos. "Aí, começamos a fazer discussões em grupo com as matérias e reportagens".

O acesso dos professores a novas informações é limitado. Terminado o magistério — ou a faculdade, em alguns casos — a dificuldade para se

Glaucio Dettmar 15.12.97



Maria de Fátima guarda a parabólica na sala da diretoria há mais de um ano

atualizar aumenta. Com vencimentos que variam de um salário mínimo a R\$ 300 (para o ensino fundamental) não há como comprar livros, ir ao cinema, ao teatro, viajar, ter computadores ou pagar cursos de reciclagem. Coisas que qualquer profissional precisa para se manter em dia com o mundo.

A necessidade de sobrevivência obriga os professores a terem mais de um emprego. Jane da Costa dá au-

tos todos os dias para a 3ª série na Escola Meire do Carmo, em Morrinhos (GO), até as 12h. Às 12h30, ela pega um ônibus e viaja 50 km até Rio Quente, cidade vizinha, onde ensina em um curso supletivo de 5ª a 8ª série.

Só às 22h, depois de cuidar dos quatro filhos, ela se senta para corrigir provas e planejar aulas. No dia seguinte, às 6h, recomeça a rotina. Tudo para receber R\$ 600 no final de mês.

PROFESSORES MAL PREPARADOS

Jane faz parte do pequeno grupo de 158 mil professores de 1º grau que têm curso superior, o equivalente a 20% do corpo docente da rede pública do país. A maioria dos 777 mil professores do ensino fundamental — 500 mil — não chegou a entrar na universidade. Para estes, os salários são ainda menores e alcançam, no máximo, R\$ 300. Existe ainda um grupo considerável que sequer terminou o 1º grau: 63 mil.

Mas os problemas não param por aí. Existem até casos de desvio de material por brigas entre políticos inimigos.

Em Teotônio Vilela, uma das cidades mais pobres de Alagoas — lá, de cada quatro crianças, uma morre antes de completar 1 ano —, todos os equipamentos sumiram quando houve mudança de prefeito.

Hoje, os colégios recebem as revistas e grades de programação, mas não têm o kit.

A interferência das brigas políticas na sala de aula não ficam restritas ao Nordeste. No município de Hidrolândia, a 25 Km de Goiânia, a rivalidade entre o partido do prefeito, o PPB, e o do governador do es-

tado, o PMDB, provoca o caos na educação local.

Em Alagoas, os problemas políticos começam nas licitações para compra de material. Na primeira compra, em 1996, a empresa vencedora para instalação das antenas parabólicas foi uma madeireira. Resultado: antenas foram instaladas viradas para o mar, com peças faltando e material de baixa qualidade.

Em Ipióca, distrito de Maceió, a escola municipal Marechal Floriano Peixoto foi uma das premiadas: falta o receptor da antena, recebida há um ano.

O material está ainda encaixotado, guardado entre vassouras e material escolar na sala da diretora. Até agora, a diretora-adjunta da escola, Maria de Fátima Moura, não conseguiu descobrir quem é o responsável pelo conserto.

"Nós procuramos a secretaria do estado, a do município, e ninguém nos deu uma solução", conta. A alternativa apresentada pelo município foi que a escola utilize os recursos federais para compra de material a fim de adquirir o receptor.

"Esse dinheiro não dura três meses, como eu que eu posso gastar em outra coisa?", pergunta Maria de Fátima.

TECNOLOGIA QUE NÃO COLOU

Em Murici, a 60 quilômetros de Maceió, a falta de tempo também atrapalha o uso do equipamento. Isabel Ferreira da Silva dá aulas pela manhã e trabalha na secretaria da Escola Municipal Pedro Tenório Raposo à tarde, mas ainda tentou assumir a tarefa de gravar os programas para as colegas usarem. O resultado: apenas sete videos gravados em mais de um ano. "Não consigo acompanhar todos os programas", justifica.